DOSSIÊ TRADUÇÃO E ENSINO DE LÍNGUAS

APRESENTAÇÃO

Nylcéa Thereza DE SIQUEIRA PEDRA - UFPR

Tradução e ensino de línguas é o tema deste número especial da Revista X. Nele, aparecem reunidos doze artigos de diferentes autores e abordagens, traduzidos por professoras e acadêmicos do Curso de Letras da Universidade Federal do Paraná.

Em diálogo, os artigos nos apresentam como a tradução vem sendo vista nos diferentes métodos de ensino de línguas estrangeiras. Ora mocinha, ora vilã, parece não ter encontrado ainda o seu lugar de direito nas salas de aula. Nos artigos que lemos aqui, encontramos, sobretudo, reflexões teóricas sobre o uso da tradução no ensino de línguas estrangeiras. Reflexões que se fazem, na maioria das vezes, a partir de uma reconstrução histórica da relação entre a tradução e a aprendizagem de línguas. Desde realidades diferentes, com abordagens diferentes, os autores chegam a uma mesma constatação: a tradução pode ser bastante útil em qualquer nível de aprendizado. Um grupo menor de textos reúne considerações empíricas e relatos de experiência sobre o uso da tradução em sala de aula. Como destacam os próprios autores, ainda existe uma carência de estudos neste campo. De modo a situar o leitor no caminho de leitura, que pode percorrer ao longo desse número, apresentamos a seguir uma breve descrição de cada um dos artigos que o compõe.

Em “Fundamentos da tradução pedagógica”, Lucía Pintado apresenta um estudo bastante exaustivo sobre a relação da tradução com a comunicação, discute o conceito de competência comunicativa, traça um rápido histórico sobre os estudos da tradução, até chegar ao centro de sua discussão: a defesa do uso da tradução com fins pedagógicos para o ensino de línguas estrangeiras. Em suas considerações sobre a tradução pedagógica, apresenta uma série de autores que destacam os pontos positivos e negativos do uso da tradução no ensino de línguas. O que chama a atenção neste estudo é, sem dúvida, o percurso traçado pela autora para justificar a importância e lugar da tradução pedagógica no ensino de línguas.

Joaquín García-Medall se propõe a fazer um levantamento bastante conciso do uso de “A tradução no ensino de línguas estrangeiras”. Inicia seu artigo apresentando os

pontos favoráveis para o uso da tradução pedagógica, percorre os diferentes métodos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras a fim de destacar a presença ou ausência da tradução em cada um deles para, finalmente, apresentar a proposta de Newmark (2002) que abarca de maneira mais ampla o uso da tradução nos diferentes níveis de aprendizado, entendendo-a como a quinta competência a ser alcançada pelo estudante de língua estrangeira.

“O que traduzir? Como traduzir? Por que traduzir?” são as perguntas que Maddalena de Carlo se propõe a responder em seu artigo. Para tanto, a autora revisita os estudos da tradução tendo como premissa a afirmação de que traduzir é o ato de atribuir sentido às coisas. Percorrendo os diferentes momentos dos estudos da tradução – a tradução como ciência, as teorias da tradução e os estudos da tradução – chega a proposta de Besse, que subdivide a tradução em tradução didática, pragmática e poética. A partir desse ponto, de Carlo passa a defender a presença da tradução no ensino universitário apresentando o argumento de que ao traduzir duas línguas e, conseqüentemente, duas culturas, é possível viver a experiência da alteridade, conhecendo-se a si mesmo e ao outro e encontrando maneiras de aproximar o “outro” do que é “nosso”.

Ainda dentro do conjunto de artigos que reflete teoricamente sobre o uso da tradução no ensino de línguas, em “Companheiros estranhos: tradução e ensino de línguas para L2 nos cursos de Letras Modernas: usos e limitações”, Ángeles Carreres defende a aproximação entre os estudos da tradução e o ensino de línguas. Propondo que se desfaça a visão de que a formação de tradutores e o ensino de línguas caminham por vias opostas que não devem coincidir, a autora defende a possibilidade de diálogo das duas áreas de modo a enriquecer ambas. De maneira mais cuidadosa, apresenta argumentos para defender o uso da tradução inversa (da língua materna para a língua estrangeira) como ferramenta para o aprendizado da língua. Com o objetivo de justificar a sua defesa, apresenta uma pesquisa realizada com alunos universitários, na qual declaram achar interessante a tradução como meio para aprender uma nova língua.

Em “A promessa política da tradução”, Claire Jeanne Kramsch e Michael Huffmaster reivindicam o lugar político do ato tradutório, defendendo um ensino de línguas translingual, no qual o objetivo primeiro não é a comunicação meramente mecânica e treinada em sala de aula, mas a que reflete o lugar de cada um dos enunciadorees do discurso, questionando a compreensão de um discurso unívoco na ideia

de que as palavras são traduzidas em absolutos linguísticos. Chegam a essas considerações depois de refletir sobre os resultados obtidos na realização de uma atividade de tradução literária proposta para estudantes universitários de alemão como língua estrangeira nos Estados Unidos.

Em seu conciso artigo “Tecendo redes linguísticas - por que a comparação entre idiomas auxilia no aprendizado”, Sabine Dengscherz convida a uma reflexão que permeia outros artigos reunidos neste número. A autora destaca a importância da língua materna como base a qual recorreremos para aprender algo que é novo. Vista dessa maneira, a comparação e a tradução entre as línguas passam a ocupar um lugar central na sala de aula, possibilitando que os alunos adquiram uma consciência comparativa que os auxilia a refletir não apenas na nova língua que estão aprendendo, mas também na sua própria língua.

Em “Tradução escrita e didática de línguas: entre comunicação e educação intercultural”, Elena Carpi se apropria do lugar dado à tradução no Quadro Comum Europeu de Referências para as Línguas, reivindicando a sua presença no ensino de línguas estrangeiras. Entendida no documento como “mediadora intercultural”, a tradução é assumida pela autora como o lugar propício para o desenvolvimento da competência intercultural em sala de aula. Assim, defende o uso da tradução para a construção de sentidos, propondo que os professores estejam atentos aos diferentes modos de aprender dos seus alunos e procurem por metodologias ecléticas que possibilitem, de fato, o desenvolvimento da comunicação.

Carmen Cuéllar Lázaro apresenta argumentos para o que chama “reintegração” da tradução no ensino de línguas. Para isso, faz uma breve consideração de como a língua materna e a tradução foram tratadas nas diferentes abordagens de ensino e apresenta “Um novo enfoque para a tradução no ensino comunicativo das línguas”. Destacando o caráter comunicativo da tradução, a autora se propõe a analisar manuais de ensino de espanhol como língua estrangeira para averiguar de que forma o uso da língua materna e da tradução é tratado em cada um deles.

Apresentando a realidade do ensino da língua inglesa na Costa Rica, Ruth Cristina Hernández-Ching, também se soma aos defensores do uso da tradução pedagógica em “A relevância da tradução pedagógica para o desenvolvimento da educação bilíngue na Costa Rica”. Ao relacionar o baixo domínio de língua inglesa apresentado pelos alunos depois de anos de estudo, a autora destaca a importância da

formação inicial e continuada dos professores de línguas estrangeiras – que não deve limitar-se ao conhecimento desta, mas também a um conhecimento profundo da língua materna – e a necessidade de se rever os programas de ensino por não contemplarem, ou contemplarem de maneira obsoleta, a tradução como recurso de ensino e aprendizagem de línguas.

Encerrando o conjunto de artigos de reflexões teóricas, Paolo Balboni convida a uma mudança na abordagem da relação entre tradução e ensino de línguas. Ao abandonar a enumeração de prós e contras, tônica que permeia os artigos anteriores, o autor nos convida a uma reflexão do para quê em “Tradução na aprendizagem de línguas: Uma abordagem ‘para quê’”. Para desenvolver seu argumento, destaca que a natureza da tradução muda segundo seu contexto de ensino (tradução em língua vernácula, tradução em língua franca, tradução em língua estrangeira, etc). Ressalta que o foco do trabalho com a tradução não precisa nem deve se limitar às questões morfossintáticas, uma vez que ao traduzir também devemos refletir sobre os sentidos figurados, as conotações, as características culturais dos gêneros discursivos que fazem da tradução uma atividade bastante rica.

Na linha dos estudos empíricos ou relatos de experiência, registrada em menor número como apontam alguns dos autores dos artigos presentes nesse número, encontramos o artigo de Laura Gasca, “A contribuição da tradução pedagógica na correção morfossintática: um estudo preliminar com alunos de espanhol como língua estrangeira em nível avançado”. Nele, Gasca apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida com estudantes americanos aprendizes de espanhol como língua estrangeira. Usando a tradução como prática pedagógica, relata como os estudantes adquiriram maior consciência linguística depois da realização do experimento que teve como foco principal o uso da tradução inversa (língua materna para a língua estrangeira).

O artigo “Tradução de música no ensino de alemão como língua estrangeira”, de Ulrike Pleß tem um caráter de relato de experiência e apresenta os resultados de uma atividade de tradução de letras de músicas do alemão realizadas por estudantes de espanhol como língua materna. A autora procura demonstrar como o envolvimento estético-afetivo proporciona uma aproximação mais positiva da língua aprendida.